



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
Economia criativa: políticas públicas culturais e reestruturação produtiva			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Felipe da Silva Duque	Universidade Federal Fluminense	UFF	Mestrando
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>A crise estrutural do capitalismo gerou reconfigurações no sistema e promoveu distorções inclusive no âmbito cultural ao transformar essa categoria ao fetiche de mercadoria. A conceituação de trabalho imaterial e as novas formas de relações do trabalho desembocaram em novas modalidades de apropriação e promoção cultural como, por exemplo, a Economia Criativa. Amparada pelo poder público em parceria com o privado, tal modelo de economia atravessa o mundo e surge no Brasil. A criação da Secretaria de Economia Criativa, do Ministério da Cultura, no ano de 2011 e do projeto “Rio Criativo”, no Rio de Janeiro, evidenciam a aposta em debater, reproduzir e expandir tal proposta. Tal modelo de economia busca a integração das indústrias criativas com o setor de bens e serviços, o que reflete em mudanças sociais, organizacionais, políticas, educacionais e econômicas. No caso do Brasil, a rica biodiversidade, diversidade cultural, exploração do setor de serviços e falta de uma legislação adequada pertinentes a propriedade intelectual foram atrativos para esse tipo de economia. Nesse sentido, o debate sobre Economia Criativa se torna fundamental para uma reflexão mais concisa em relação a inovação característica dessa proposta, que, conjugada com essa nova fase do capitalismo, reorienta o debate em relação as políticas públicas culturais.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Cultura, Economia Criativa, crise do capitalismo			
ABSTRACT			
<p>The structural crisis of capitalism generated the system reconfigurations and promoted even within cultural distortions to transform this category the fetish of merchandise. The concept of immaterial labour and the new forms of labor relations in great new forms of ownership and cultural promotion as, for example, the creative economy. Backed by the Government in partnership with private, such a model of economy across the world and in Brazil. The creation of the administrative office "Creative Economy ", the Ministry of culture in the year 2011 and the project" Creative River ", in Rio de Janeiro, highlight the focus on debating, reproduce and expand such a proposal. Such a model of economy seeks integration of creative industries with the goods and services sector, which reflects social changes, organizational, political, educational and economic. In the case of Brazil, the rich biodiversity, cultural diversity, the exploration service sector and lack of proper legislation pertaining to intellectual property were attractive to this type of economy. In this sense, the debate on creative economy becomes central to a more concise reflection in relation to this proposal, which feature innovation, coupled with this new phase of capitalism, reorients the debate about public cultural policies.</p>			
KEYWORDS			
Cultural, Creative Economy, crisis of capitalism			
EIXO TEMÁTICO			
Marx, o marxismo e o Estado			

A crise Estrutural do capitalismo e as novas formas de trabalho

O neoliberalismo (HARVEY, 2005) veio acompanhado de novas modalidades ideológicas (ANDERSON, 1999; SANTOS, 2009; JAMESON, 2002; MÉSZÁROS, 2008) e de relações de trabalho (SENNETT, 2010; ANTUNES, 2009; BRAGA, 2012). As crises fiscais, diminuição das receitas de impostos, o disparo dos gastos sociais, o fim das políticas keynesianas e a impossibilidade da utilização do ouro como moeda de troca, culminaram na crise de acumulação do capital por meio da combinação de desemprego em ascensão e inflação acelerada (HARVEY, idem). A crise de acumulação do capital toma um viés estrutural em virtude do seu alcance em nível universal, sua incontornabilidade e seu aspecto estrutural (MÉSZÁROS, 2009).

Tais fatores são fundamentais para orientarmos nossa compreensão em sua totalidade, fomentando um exercício de desnudar a essência que envolve esse processo. Suas contradições e perspectivas, principalmente pertinentes ao novo padrão organizativo do trabalho: o modelo toyotista. Com esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista de produção, devido à incapacidade de responder à retração do consumo que se acentuava como consequência do desemprego estrutural, tem-se como resposta do capital à reestruturação produtiva com repercussões no processo do trabalho. O padrão fordista, que com base no trabalho parcelar e fragmentado, abalizava o trabalhador como mero apêndice da máquina, amparado no cronômetro taylorista, reduzia a dimensão intelectual do trabalho operário transferindo-a para as esferas da gerência científica. A atividade de trabalho reduzia-se a uma ação mecânica e repetitiva. No processo de reestruturação do capitalismo, recorreremos à nova forma de acumulação do capital: o toyotismo.

Interessa-nos a dinâmica organizacional do trabalho nessa fábrica toyotizada e as novas formas de intensificação do trabalho. Suas principais distinções ao fordismo são: a) a produção vinculada à demanda; b) o trabalho operário em equipe, com multivariabilidade de funções; c) o processo produtivo flexível; d) o *just in time*, melhor aproveitamento possível da produção; e) a terceirização dos serviços; f) a discussão desempenho com o intuito de melhorar a qualidade; g) o aumento da produção, sem aumento do contingente dos trabalhadores. Segundo Antunes (2009), no novo mundo do trabalho, a articulação do trabalho vivo com o trabalho morto é fundamental para a manutenção do sistema produtivo do capital. Temos a ampliação do trabalho imaterial amparado na relação produção-consumo. Ocorre a interseção da esfera subjetiva do trabalho (traço cognitivo-intelectual). O trabalhador deve “tomar decisões” e oferecer alternativas frente às situações inesperadas e converter-se em um elemento integrativo da empresa. A subjetividade é colocada a serviço do capital e sua necessidade de acumulação.

A cultura no capitalismo tardio e o Programa Rio Criativo

A proposta de análise do capitalismo tardio em sua lógica cultural nos remonta a Frederic Jameson (2002) que aprofunda as recentes distorções que o sistema incita no âmbito cultural ao diluí-lo ao fetiche de mercadoria. A conceituação de trabalho imaterial (NEGRI e LAZZARATO, 2001) e as novas formas de relações do trabalho (SENNETT, idem; ANTUNES, idem) são fundamentais para compreendermos a dinâmica que gere esse novo momento. A valorização das novas formas “criativas” que orientam o trabalho à indústria cultural orientará essa nova consideração do capitalismo presente. No caso, o Brasil, em especial.

A escolha do Brasil como sede de megaeventos esportivos (Copa do Mundo-2014 e Olimpíadas-2016) permitiu a adoção de uma nova modalidade de apropriação e promoção cultural: a **Economia Criativa** (REIS, 2010). Amparada pelo poder público em parceria com o privado, tal modelo de economia ganha amplitude atingindo diferentes regiões do Brasil. Como exemplo, tem-se o projeto estabelecido pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, denominado **Incubadoras Rio Criativo** (DIAS, 2011). É fundamental sua compreensão a nível macro e sua inserção nessa nova dinâmica capitalista. Nesse sentido, apresentarei os pressupostos da **Economia Criativa**, conceito que vem ganhando espaço no mundo das empresas e dos governos. Tal modelo de economia integra as indústrias criativas e o setor de bens e serviços, o que provoca profundas mudanças sociais, organizacionais, políticas, educacionais e econômicas. Na economia criativa, indústria e serviços fundem-se gradativamente. De acordo com Reis (2008), suas principais características são:

- **Valor agregado da intangibilidade:** O intangível da criatividade gera valor adicional quando incorpora características culturais, inimitáveis por excelência. Abrangendo desde o turismo cultural, passando pelo patrimônio e festas típicas, chegando ao audiovisual, cria-se a integração do estilo de vida com o ambiente. A cultura é vista, aqui, como alavancadora de criatividade;
- **Transição da cadeia setorial às redes de valor:** Não ocorre a hierarquização das empresas tradicionais, mas há uma configuração organizacional através de redes. Nesse sentido, trata-se de um processo horizontal, que envolve produção, distribuição e acesso;
- **Novos modelos de consumo:** Adequação do consumo, à realidade local, que pode ocorrer por meio de um diálogo com a ferramenta midiática;
- **Importância das micro e pequenas empresas:** Pelo fato de estarem envolvidas com a dinâmica cultural criativa, empresas de pequeno porte são amplamente contempladas nessa nova dinâmica, o que antes era restrito às empresas de maior porte;

- **Desenvolvimento de novas tecnologias:** as novas tecnologias se destacam: **a)** fazendo parte das indústrias criativas (*software, games, mídias digitais, comunicações*); **b)** impactando na produção, na distribuição e no consumo, como veículo de conteúdo criativo; e **c)** transformando os processos de negócio e a cultura de mercado, incluindo a formação de redes e os modelos colaborativos já descritos.

A Economia Criativa vem buscando sua ativação nos países periféricos do capitalismo em virtude de três fatores: *a rica biodiversidade; diversidade cultural e a exploração do setor de serviços*. A falta de uma legislação específica no que diz respeito à propriedade intelectual é outro diferencial. Cabe ressaltar que o comércio mundial de bens culturais, segundo a UNESCO, cresceu de US\$39,3 bilhões, em 1994, para US\$59,2 bilhões em 2002, concentrando-se nos EUA, Reino Unido e China. A pretensão é avançar sobre os países fora do centro de decisões capitalista.

No Brasil, foi criada a Secretaria da Economia Criativa, do Ministério da Cultura, no ano de 2011. Com o objetivo de difundir essa nova modalidade, tal secretaria tem como propostas a *capacitação e assistência ao trabalhador da cultura, o estímulo ao desenvolvimento da economia da cultura* (Economia Criativa), a implementação do *turismo cultural* e a *regulação econômica*. Das etapas que compõem o processo de planejamento estratégico da Secretaria de Economia Criativa, nos interessa a que trata do Encontro com parceiros federativos¹ (Etapa VI). Na região sudeste, especificamente no Rio de Janeiro, a criação da **Incubadora de Empreendimentos da Economia Criativa do Estado do Rio Janeiro**, projeto denominado “Rio Criativo”.

Em 2009 foi criada a Coordenadoria de Economia Criativa para o desenvolvimento do **Rio Criativo – Programa de Desenvolvimento da Economia Criativa do Estado do Rio**, subordinada à Secretaria Estadual de Cultura. No setor cultural, ocorre o apoio às artes cênicas, artes plásticas, música, cultura popular, turismo cultural, educação e entretenimento. O Rio Criativo oferece consultorias e qualificações para produtores na área de gestão da cultura (entre 2008 e 2010, foram cerca de 10 mil empreendedores da área cultural, do Rio). As incubadoras são a principal característica do projeto. Nelas ocorrem dinâmicas que promovem a criação e a geração de negócios e acontecimentos, geram projetos criativos e de fomento direto aos empreendimentos selecionados, por meio de oferta de consultorias estratégicas de profissionais especializados e serviços, como a elaboração de planejamento estratégico, a pesquisa de mercado, a legalização, a assessoria jurídica e de imprensa, a programação visual, os recursos humanos e o planejamento de *marketing*.

1 Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações. 2011-2014. Brasília, Ministério da Cultura, 2011.

Ao considerarmos a adoção desse novo modelo de política pública, faz-se necessário compreender como os trabalhadores se inserem no processo, apontando aspectos de sua formação e sua introdução nessa nova modalidade do sistema que congrega as perspectivas do **Rio Criativo**. A adoção de incubadoras pelo poder público do Grande Rio, nos aponta a uma valorização do trabalho imaterial, da “criatividade”, características essenciais do capitalismo cognitivo segundo Negri e Lazzarato (2001). A parceria com a empresa do Sistema S (SEBRAE)², no que concerne à administração dessas incubadoras e à formação dos trabalhadores sob a ótica da perspectiva do programa, aponta para a necessidade de analisar esse modelo, salientando uma proposta crítica-reflexiva do trabalho além do capital.

BIBLIOGRAFIA:

- ANDERSON, Perry. *As origens da Pós-modernidade* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*, 10ª Edição – São Paulo, Boitempo, 2009.
- BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista* – São Paulo, Boitempo, 2012.
- DIAS, Paulo. *Tempo de criar*. O Globo, Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido* - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. *Educação como prática de Liberdade*, 17ª Edição – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*, 4ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- _____. *Concepção Dialética da História*, 7ª edição – Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987.
- HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações* – São Paulo, Ed. Loyola, 2008.
- JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* – São Paulo: Editora Ática, 2002.
- _____. *Modernidade Singular: Ensaio sobre a ontologia do presente* – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- LAZZARATO, Mauricio. NEGRI, Antonio. *Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade* – Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- LIMA, Junior César França (org.). *Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo* – Rio de Janeiro, Editora FioCruz, 2006.

² GANDRA, Alana. Educação Sebrae. Disponível em: <> <http://www.ead.sebrae.com.br/hotsite/noticias/ler-noticia.asp?noticia=6123> Rio de Janeiro, Brasil. Acessado em: 10 de maio de 2011.

- LOMBARDI, José Claudinei. SAVIANI, Demerval. SANFELICE, José Luís. *Capitalismo, trabalho e educação*, 3ª edição – Campinas-SP, Autores Associados, 2005.
- MARX, Karl. ENGEL, Friedrich. *A ideologia Alemã*. Expressão Popular – São Paulo, Expressão Popular, 2010.
- _____. *O Capital: Crítica da Economia Política: Livro I, Volume 1*, 26ª Edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. *O Capital: Crítica da Economia Política: Livro I, Volume 2*, 22ª Edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. *Grundrisse: Manuscritos Econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da Economia Política* – São Paulo: Boitempo, 2011.
- MÉSZÁROS, István. *Filosofia, Ideologia e Ciência Social* – São Paulo, Boitempo, 2008.
- _____. *A crise estrutural do Capital* – São Paulo, Boitempo, 2009.
- _____. *A educação para além do Capital* – São Paulo, Boitempo, 2008.
- Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014*. Brasília, Ministério da Cultura, 2011.
- RABELO, Jackeline (org.). *Trabalho, Educação e a Crítica Marxista* – Fortaleza: Imprensa Universitária, 2006.
- REIS, Ana Carla Fonseca Reis (org.). *Economia Criativa: como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento* – São Paulo: Itaú Cultural, 2008.
- _____. *Cidades criativas: soluções inventivas: o papel da Copa, das olimpíadas e dos museus internacionais* – São Paulo: Garimpo de Soluções; Recife, FUNDARPE, 2010.
- RODRIGUES, José. *A Educação politécnica no Brasil* – Niterói-RJ: EdUFF, 1998.
- SANTOS, Aparecida de Fátima Tiradentes. *Desigualdade Social & Dualidade Escolar: Conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci* – Petropolis-RJ: Vozes, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*, 7ª edição – São Paulo: Cortez, 2009.
- SARUP, Madan. *Marxismo e Educação: Abordagem Fenomenológica e Marxista da Educação* – Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia. Escola e democracia: teorias da Educação, Curvatura da vara, onze teses sobre educação e política* – São Paulo: Autores Associados, 1989.
- SENNET, Richard. *A corrosão do caráter*, 15ª Edição – Rio de Janeiro: Record, 2008.